

## Guardando o comportamento à vista

### Keeping behavior in sight

Eduardo Sousa Gotti<sup>1</sup>, Henrique Mesquita Pompermaier<sup>1</sup>

([orcid.org/0000-0002-2363-7114](https://orcid.org/0000-0002-2363-7114)), ([orcid.org/0000-0003-3002-6503](https://orcid.org/0000-0003-3002-6503))

[1] Universidade Federal do Triângulo Mineiro **Título abreviado:** Guardando o comportamento | **Endereço para correspondência:** Henrique Mesquita Pompermaier – R. Vig. Carlos - Nossa Sra. da Abadia, CEP: 38025-460, Uberaba - MG, Brasil | **Email:** henrique.pompermaier@uftm.edu.br | **doi:**

**Resumo:** Em *O mundo dentro da pele*, Skinner revisita questões sobre a teoria de eventos privados que, para alguns autores, fundamentam a radicalidade de sua proposta comportamentalista. No entanto, nesse movimento, consideramos que a ênfase de suas discussões oscila entre duas posições, denominadas neste artigo como “referencialização materializante”, que enfatiza teorizações neurofisiológicas como limite para o acesso e abordagem dos fenômenos subjetivos; e “materialidade da vida social”, que destaca o papel das relações estabelecidas pela comunidade verbal para análise e compreensão dos fenômenos subjetivos. Este artigo explora como essas duas perspectivas, apesar de contraditórias, coexistem no texto skinneriano e podem influenciar diferentes abordagens dos analistas do comportamento no tratamento dos fenômenos subjetivos. Por fim, o trabalho propõe uma apreciação crítica da teoria dos eventos privados como parte das reflexões em comemoração aos cinquenta anos de *About Behaviorism*.

**Palavras-chave:** Comportamento, Eventos privados, Comportamento verbal, Comportamentalismo Radical, Contextualismo.

**Abstract:** In *The World Inside the Skin*, Skinner revisits questions about subjective events that underlie the radical nature of his behaviorist proposal. However, he oscillates between two positions, referred to in this article as “materializing referentialization”, which emphasizes neurophysiological theories as a limit to the understanding of subjective events, and “materiality of social life”, which highlights how so-called private events are nothing more than verbal behaviors, whose analysis should focus on the relationships established within the verbal community. This article explores how these two perspectives, despite being contradictory, coexist in Skinner’s text and influence different approaches of behavior analysts in the treatment of subjective events. Finally, it proposes a critical assessment of the theory of private events as part of the reflections in commemoration of the fiftieth anniversary of *About Behaviorism*.

**Keywords:** Behavior, Private events, Verbal behavior, Radical Behaviorism, Contextualism.

#### Nota sobre financiamento

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto “Estudos conceituais sobre a atualidade social do comportamentalismo radical”, contemplado na Chamada CNPq/MCTI/FNDCT No 18/2021 - Processo nº 423361/2021-0, do qual o segundo autor faz parte.

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.  
 Em cofre não se guarda coisa alguma.  
 Em cofre perde-se a coisa à vista.  
 Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la  
 por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela  
 iluminado.  
 Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília  
 por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado  
 por ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.  
 Por isso, melhor se guarda o vôo de um pássaro  
 Do que de um pássaro sem vôos.  
 Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se  
 publica, por isso se declara e declama um poema:  
 Para guardá-lo:  
 Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:  
 Guarde o que quer que guarda um poema:  
 Por isso o lance do poema:  
 Por guardar-se o que se quer guardar.

### Antônio Cícero

De modo geral, guardamos aquilo que nos é importante, relevante, significativo. Celebrar uma obra, considerada importante, relevante e significativa, nos faz, portanto, querer guardá-la. Porém, como expresso no poema de Antônio Cícero (1997), guardar aqui não significa “escondê-la ou trancá-la”, mas sim “olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado”. Dito de outro modo, uma forma de guardar algo que se admira é analisá-lo, explorá-lo, expô-lo. Assim, exaltar uma filosofia implica explorar os limites do que ela faz pensar, muitas vezes instigando transformações nos próprios encaminhamentos inicialmente sugeridos pelos seus pensadores. É nessa perspectiva que trabalhamos, a partir do honroso convite feito pelos editores deste número especial, a proposta de celebrar o cinquentenário do livro *About Behaviorism*, de B. F. Skinner.

Considerado uma súpula do pensamento skinneriano, *About Behaviorism* (Skinner, 1974/1976) foi escrito visando examinar algumas das principais questões que eram (e ainda são) objeto de controvérsias em relação à pro-

posta comportamentalista radical. Mais do que apresentar a filosofia que sustenta a ciência do comportamento (experimental, aplicada e conceitual), Skinner se dedica nesta obra a dialogar e rebater críticas de perspectivas que contrastam com a concepção comportamentalista radical. No caso específico do segundo capítulo – “O mundo dentro da pele” –, esse diálogo concentra-se em questões comumente relacionadas aos fenômenos subjetivos. Nesse sentido, Skinner parece ocupar-se neste capítulo em responder a questões como: “1. *O Behaviorismo ignora a consciência, os sentimentos e os estados mentais*”; “4. *Não tenta explicar os processos cognitivos*”; “5. *Não considera as intenções ou os propósitos*”; “7. *Não atribui qualquer papel ao eu ou à consciência do eu*”; e “8. *É necessariamente superficial e não consegue lidar com as profundezas da mente ou da personalidade*” (Skinner, 1974/1976, p. 4) – questões elencadas na apresentação do livro, como críticas comumente direcionadas à Análise do Comportamento. Para o autor, tais críticas viriam de “mal-entendidos”, encontrados nos trabalhos em diferentes áreas das ciências humanas.

No final da introdução do livro *About behaviorism*, Skinner (1974/1976) nomeia genericamente as posições relativas a esses trabalhos de “visões tradicionais” (p. 8). Tendo por base este e outros trabalhos (e.g., Skinner, 1972/1978, 1987), podemos considerar que essas “visões tradicionais” remetem a teorias calcadas, em alguma medida, em argumentos mentalistas, dualistas e internalistas. Em outras palavras, ainda que de diferentes formas, essas teorias postulariam uma instância distinta do comportamento (mente, consciência, personalidade ou eu/*self*), onde se encontrariam as causas do comportamento (mentalismo). Essa outra instância teria uma natureza ou leis de funcionamento distintas do comportamento (dualismo). E, de modo geral, essas instâncias estariam localizadas concreta ou metaforicamente em um lugar fora do alcance da observação direta – se o comportamento é observável, externo e público, essa outra instância seria privada e interna (internalismo). Segundo Skinner, para essas visões tradicionais, o comportamentalismo erraria ao concentrar-se “no que está fora”, no ambiente, ignorando ou sendo

incapaz de considerar “o que está dentro”, aquilo que seria propriamente pertinente ao sujeito.<sup>1</sup>

Diante desse quadro, podemos interpretar o título do capítulo 2 de *About Behaviorism*, bem como as afirmações apresentadas em seu primeiro parágrafo, como uma tentativa de Skinner (1974/1976) dialogar e desatar esse mal-entendido por parte das “visões tradicionais”: o Comportamentalismo Radical não nega ou ignora que existe um “mundo interno” a ser considerado, inclusive como fonte de informações que podem ser importantes para a explicação do comportamento. O fundamental para a posição skinneriana é que esse “mundo interno” é de mesma natureza que os demais eventos do mundo (negação do dualismo) e que o que acontece nesse “mundo interno” é parte do que precisa ser explicado, e não a explicação para os comportamentos (negação do mentalismo).

A temática abordada em “O mundo dentro da pele” poderia ser designada como o que se convencionou tratar na comunidade da Análise do Comportamento de “teoria de eventos privados”. Tal “teoria” é apresentada por alguns pesquisadores como um dos aspectos mais fundamentais da proposta skinneriana, sendo uma espécie de marca da distinção entre o Comportamentalismo Radical e outras teorias comportamentais (em especial os Comportamentalismos Clássico e Metodológico); ou ainda, como um signo de sua “radicalidade” (e.g., de Carvalho Neto, 2002; Matos, 1995, 2001; Moore, 1995; Sérgio, 2005).

Os elementos fundamentais dessa “teoria” foram apresentados por Skinner de modo mais sistemático e detalhado no artigo *The operational analy-*

*sis of psychological terms* (Skinner, 1945/1984)<sup>2</sup>. Estes elementos também aparecem nas discussões de outras obras importantes do autor, anteriores ao *About*, como os livros *Science and Human Behavior* (Skinner, 1953/1965), *Contingencies of Reinforcement* (Skinner, 1969) e *Beyond Freedom and Dignity* (Skinner, 1971). Contudo, é em *About Behaviorism* (1974/1976) que o tema parece ganhar maior destaque e centralidade, sendo mote específico do título de ao menos três capítulos (Capítulos 2, 10 e 13), além de figurar nas discussões desenvolvidas em, ao menos, outros dois (Capítulos 5 e 7).

Consideramos aqui como elementos fundamentais da teoria de eventos privados, as noções de “evento privado” e privacidade, a consideração do contato com o ambiente a partir de três subsistemas sensoriais, bem com as estratégias empregadas por comunidades verbais para ensinar a seus membros a discriminação e descrição de eventos privados. Tais elementos foram tema de algumas apresentações, análises e discussões em trabalhos elaborados nas últimas décadas (e.g., Borba & Tourinho, 2011; Moore, 2009; Palmer, 2009, 2011; Pompermaier et al., 2016; Zilio & Dittrich, 2014, 2015) pela comunidade de analistas do comportamento e, nesse sentido, consideramos que estão bem guardados. Contudo, apesar de ser o caminho mais comum, tanto na obra de Skinner quanto na comunidade de analistas do comportamento, para encaminhar questões relativas a “fenômenos subjetivos”, a ênfase nos eventos privados não é a única forma de tratar desses temas (consciência, processos cognitivos, propósito, personalidade, eu), nem está livre de críticas quanto a sua coerência em relação aos fundamentos do comportamentalismo radical (e.g. Baum, 2011a, 2011b; Hayes & Fryling, 2009; Pompermaier, 2013, 2016; Pompermaier & Lopes, 2018). Como afirma Skinner (1945): “O problema dos termos subjetivos não coincide exatamente com o dos estímulos privados, mas há uma conexão próxima” (p. 275).

A partir dessas considerações, neste ensaio bus-

1 Para ilustrar essa compreensão, bem como sua persistência, vale notar a descrição apresentada por Schultz e Schultz (2021), de que “Skinner não negava a existência de forças internas, mas apenas a sua utilidade científica; segundo ele, tais forças não têm mais valor para a ciência do que o antigo conceito teológico de alma. Ele aplicou raciocínio análogo aos processos fisiológicos que não são observáveis nem relevantes para a ciência. Disse ele: ‘O interior do organismo é irrelevante, seja como local de processos fisiológicos, seja como local de atividades mentais’ (apud Evans, 1968, p. 22). Ele não viu necessidade de procurar dentro do organismo alguma forma de atividade interna. Para Skinner, os seres humanos são ‘organismos vazios’, com isso sugerindo que não há nada dentro de nós que possa explicar o comportamento em termos científicos” (p. 321).

2 Neste trabalho Skinner (1945/1984, p. 552) utiliza textualmente a expressão “*radical behaviorism*” para referir-se à sua proposta, diferenciando-a de um “*methodological behaviorism*”, o que parece dar elementos para a tese indicada de que a teoria de eventos privados seria um elemento distintivo do Comportamentalismo Radical.

camos salientar uma espécie de polarização que nos parece marcar o desenvolvimento dos argumentos de Skinner no capítulo “O mundo dentro da pele”. Frente ao desafio de responder a críticas, tais como as elencadas na introdução do livro, os argumentos da proposta skinneriana nos parecem oscilar entre elementos que, por um lado, dão margem a uma compreensão pautada na “referencialização materializante” (Oliveira & Pires, 2007); e, por outro, encaminham uma compreensão “contextualista do significado” (Zilio, 2023). Em outras palavras, a maneira como Skinner discute o tema, em nosso entendimento, podem orientar a compreensão de analistas do comportamento para uma postura alinhada a um materialismo fisicalista<sup>3</sup>, ou a uma compreensão que se pauta pela materialidade da vida social (Glenn, 1989; Guerin, 2016/2023).

Na sequência, apresentamos cada uma dessas posições, buscando identificar alguns dos momentos em que os argumentos de Skinner no capítulo 2 de *About Behaviorism* nos parecem se alinhar a cada uma delas, bem como procuramos explorar as implicações de cada uma dessas posturas. Por fim, buscamos discutir e questionar a pertinência da manutenção da dicotomia *interno-externo* no desenvolvimento da perspectiva comportamentalista radical, propondo que sua radicalidade seja considerada com base no compromisso e fidelidade ao comportamento como fenômeno de interesse.

3 Abib (1982) apresenta objeções à consideração da proposta skinneriana ser classificada como “materialismo fisicalista”, tal como argumentado por Flanagan Jr. (1980) ou Bunge (1979), por exemplo. Para Abib, além do compromisso com o pragmatismo, a obra de Skinner apresenta diversas “posições explícitas” críticas a uma metafísica materialista. Apesar de concordar com as análises de Abib (1982), entendemos que a existência de tais posições explícitas em outras obras indica muito mais o movimento pendular a que nos referimos, ou seja, a presença de posições e argumentos conflitantes, em lugar de impedir a discussão de possíveis implicações de argumentos de Skinner (1974/1976) com uma postura materialista fisicalista.

## Referencialização materializante na introspecção de partes de um organismo

Como discutido anteriormente, Skinner (1974/1976) está dialogando com tradições que internalizam os fenômenos psicológicos, e criticam o Comportamentalismo por “só olhar para fora”. Em resposta a esse tipo de críticas, um dos caminhos adotados segue pelo argumento de que o Comportamentalismo Radical também reconhece e valoriza o que está dentro – mas, o que está dentro é físico. Nesse movimento, contudo, ainda que busque superar o dualismo físico-mental – tudo é físico –, o autor acaba em muitos momentos mantendo a perspectiva dicotômica, instaurada pela consideração de um mundo interno (dentro da pele) em oposição, ou ao menos, em distinção, a um mundo externo (fora da pele).

Mantendo a dicotomia interno-externo ao discutir a compreensão de alguns fenômenos psicológicos, tratados em uma perspectiva internalista pelas teorias tradicionais, Skinner acaba por enfatizar a consideração de alguns eventos fisiológicos, colocando o foco da discussão nas “coisas sentidas”. Desse modo, mantém-se filiado a uma perspectiva internalista, ainda que um internalismo materialista-fisicalista. É nesse sentido que compreendemos que a proposta skinneriana acaba por encaminhar, em alguns momentos, uma postura de “referencialização materializante”.

Por “referencialização materializante” compreendemos, junto a Oliveira e Pires (2007), a concepção de que “os conceitos psicológicos precisam ser objetivados enquanto referenciados a ocorrências no corpo, no sentido de que cada conceito psicológico indica ocorrências materiais especificáveis” (Oliveira & Pires, 2007, p. 458). Consideramos que esse mesmo princípio se apresenta na expressão adotada por Skinner para nomear o capítulo 2 do *About* – “O mundo dentro da pele” –, bem como em alguns argumentos apresentados em sua elaboração.

Skinner (1974/1976) inicia o capítulo anunciando que uma pequena parte do universo está contida dentro da pele de cada um de nós, e que, apesar das descrições e compreensões deficitárias até aquele momento, essa parte parece ser o que temos de mais importante a tratar. O autor acrescenta que, em al-

gum momento, os avanços das ciências anatômicas e fisiológicas ofereceriam um quadro mais completo dessa “parte do universo”. Mas, para além desse possível quadro, a ser desenvolvido por outros esforços científicos, interessaria à ciência do comportamento examinar o “nosso comportamento ao fazer esse contato [com o mundo interno]” (p. 24).

Nas primeiras seções do capítulo, a ênfase está nos desafios impostos pela limitação de acesso a determinados eventos – as “coisas sentidas” –, que estariam “dentro da pele”. Skinner recupera o que chamamos de elementos fundamentais da teoria de eventos privados. Nesse sentido, reafirma as limitações do acesso aos eventos privados, acessados por subsistemas do sistema nervoso – proprioceptivo e interoceptivos –, e discute as estratégias que a comunidade verbal teria para tentar superar o “problema da privacidade”.

O exemplo comparando o ensino de cores com o ensino da descrição de uma dor parece nos convidar a localizar no corpo, encoberto sob a pele, os sentimentos. A cor de um objeto seria um evento público, ao qual todos teriam acesso. Por isso, o ensino das cores seria mais fácil e acurado que o ensino de estados corporais, como uma dor – tratada como uma “coisa sentida”, um evento físico-fisiológico, acessível apenas à pessoa com a dor.

De maneira semelhante, as afirmações sobre o “acobertamento” do comportamento colocam foco em “condições privadas relacionadas com comportamento público”, que, por extensão, controlariam respostas correlatas em “pequena escala”, ou em “miniatura”. O descompasso aqui parece ser marcado por uma abordagem topográfica, e não funcional, para caracterização dos comportamentos/respostas. Nesse sentido, Skinner (1974/1976) trata o pensar como referente a “comportamento executado em uma escala tão pequena que não é visível aos outros” (p. 30). Tal proposição acaba por convidar a identificar tais fenômenos com essas “condições privadas”, que poderiam ser localizadas como eventos fisiológicos, e com relativa independência da relação com o ambiente, como parecem permitir a consideração sobre imaginar ou fantasiar como “maneiras de ‘ver’ algo na ausência da coisa vista” (p. 31), e a afirmação de que “O comportamento verbal pode facilmente se tornar encoberto porque não requer suporte ambiental”.

Como argumentado, se com essas proposições é possível livrar-se do dualismo mente-corpo, por outro lado, ao defender a privacidade como acessibilidade a eventos internos, acabamos por nos comprometer com uma nova forma de dualismo (interno-externo) (Dourado et al., 2021; Pompermaier & Lopes, 2018). E para sustentar essa posição, reafirma-se a lógica fiscalista-referencialista, como se o significado fosse “constituído pelas propriedades físicas dos objetos e/ou eventos aos quais as palavras se referem” (Zilio, 2023, p. 53), sejam tais palavras usadas para tratar de cores ou de fenômenos como “dor”, “pensamento” ou “propósito”.

O quadro apresentado pode ser tomado de forma a entender que, em lugar de eventos internos de natureza distinta do mundo material, ao lidar com consciência, sentimentos, pensamentos, estamos lidando com eventos internos de natureza físico-fisiológica. Falar sobre esses fenômenos seria, portanto, buscar os referentes materiais, fisiológicos, localizados no “mundo dentro da pele”, para as expressões ou conceitos relativos aos fenômenos psicológicos/subjetivos. É nesse sentido que compreendemos que os argumentos encaminhados nessa configuração permitem o desenvolvimento de uma compreensão referencialista e fiscalista.

A ênfase na “coisa sentida”, como se fosse destacável do ato de sentir, abre caminho para o desenvolvimento de uma perspectiva fragmentada e reducionista, ou ainda “localizacionista” – como se pudéssemos localizar a dor, a tristeza ou a alegria em alguns eventos fisiológicos, tal como costumava-se criticar a ideia de buscar uma memória em um lugar do cérebro. Ademais, na esteira dessa compreensão, cabe problematizar também o fato de que a expressão, e decorrente separação, entre um “mundo dentro” e “mundo fora” da pele conduz tanto à quebra do compromisso com a consideração do “organismo como um todo”, quanto cria o embaraço de uma espécie de “ambiente interno”, que é parte do organismo, mas ao mesmo, é colocado como aquilo com que o organismo se relaciona (ou responde).

Para além dos problemas que esse caminho apresenta em termos de inconsistências teórico-filosóficas, discutidas aqui e em outros trabalhos (Baum, 2011a, 2011b; Dourado et al., 2021; Hayes & Fryling, 2009; Pompermaier & Lopes, 2018),

vale notar os comentários pouco animadores ao final da segunda seção do capítulo, especialmente para quem tem como foco de trabalho os fenômenos subjetivos – “Embora a comunidade verbal solucione o problema da privacidade dessa maneira e consiga ensinar uma pessoa a descrever muitos estados de seu corpo, as descrições nunca são completamente acuradas” (Skinner, 1974/1976, p. 28). Ao que acrescenta:

**As funções biológicas originais responsáveis pela evolução do sistema nervoso não produziram o sistema que a comunidade verbal precisa. Como resultado, nós somos particularmente propensos a desconfiar do relato de estimulação privada, especialmente quando a descrição tem outras consequências – como, por exemplo, no fingimento. (p. 28)**

Em resumo, se seguirmos o caminho da teoria dos eventos privados, a resposta ao primeiro questionamento fica pouco motivadora – o comportamentalismo radical não ignora tais fenômenos, mas tampouco alcança uma compreensão em que eles possam ser acuradamente descritos, ou cuja descrição seja confiável.

A expressão “mundo dentro da pele” possui um tom mais poético do que estritamente técnico. Ao utilizá-la, a proposta de Skinner pode conduzir a uma agenda de pesquisa bastante restrita, limitada pelas próprias condições de acesso que a história de seleção natural dos organismos permite para introspectar eventos nessa “parte do universo”. Além disso, a capacidade da comunidade verbal de ensinar um relato sobre tais eventos é igualmente limitada – o que sugere, de forma questionável, que seria possível obter descrições inequívocas dos próprios comportamentos caso todos fossem públicos. Essa concepção entra em conflito com a noção de que o comportamento verbal, como um operante multideterminado, está sob controle de múltiplos estímulos (Michael et al., 2011). Por essa razão, é problemático assumir que uma descrição verbal corresponda de maneira exata à natureza dos eventos privados, como se estes pudessem ser simplesmente tateados pelos falantes.

## A materialidade da vida social e a compreensão contextualista do significado

Se, por um lado, Skinner (1974/1976) apresenta argumentos e expressões que podem implicar sua proposta com posturas fisicalistas e referencialistas, por outro, neste capítulo, ele também apresenta argumentos no sentido de sustentar uma compreensão contextualista do significado. Nesse caso, falar sobre fenômenos subjetivos não se trata pura e simplesmente de encontrar a estimulação intero ou proprioceptiva à qual um termo se refere. Como argumenta Zilio (2023), a teoria skinneriana do comportamento verbal opera uma aniquilação de compreensões essencialistas, dentre elas, a da compreensão do significado como “coisa”:

**O significado não é uma coisa transmitida via comportamento verbal, não é o conteúdo de ideias e não está nas coisas sobre as quais falamos (os “referentes”). Na teoria contextualista de Skinner, o significado “estaria” nas contingências de controle do comportamento verbal. O uso de aspas aqui não é gratuito, pois não há uma “coisa-significado” nas contingências. É por conta desse risco interpretativo que provavelmente Skinner tinha reservas quanto ao próprio uso dos termos da linguística tradicional. Dizer que o significado “está” nas contingências de controle do comportamento verbal é uma maneira de reformular a questão do significado. O problema não é mais a busca da “coisa-significado”. A pergunta central agora é: quais as condições de controle do uso da palavra “X”? (Zilio, 2023, p. 54)**

Se ao tratar das condições de controle para o uso dos termos psicológicos, em alguns momentos Skinner conduz a discussão com foco na indicação da “coisa sentida”, dando espaço para a compreensão da discriminação e descrição de eventos como uma busca por referentes físicos, em muitos

momentos Skinner encaminha a discussão para além do escrutínio por eventos no “mundo dentro da pele”. Assim, quando Skinner enfatiza na última seção do texto (“Autoconhecimento”) a diferença entre sentir e relatar o que alguém sente, fazendo também um paralelo dessa diferença com a diferença entre agir e relatar a ação, ou ainda, relatar as causas da ação, é importante compreender que estamos tratando de classes de comportamento distintos. Não se trata simplesmente de tomar o sentir como antecedente para o relatar um sentimento. Ou seja, em cada tipo de episódio – “sentir” ou “relatar um sentimento” – temos contextos antecedentes, respostas e consequências diferentes.

Podemos buscar alguns exemplos na seção “*Reporting Behavior*”, quando o autor discute e passa a comentar episódios e exemplos de diferentes circunstâncias em que as pessoas relatam seus próprios fazeres. Nesse sentido, ele comenta como o treinamento e a efetivação do repertório verbal para descrever um evento presente torna as pessoas mais aptas a descrevê-lo posteriormente. A ênfase é dada ao desenvolvimento de um repertório, e não ao acesso a algo: “Perguntas deste tipo são feitas porque as respostas são importantes para a comunidade, mas, como veremos mais tarde, tornam-se também importantes para o próprio falante e de maneiras que tendem a manter-lhes a precisão” (Skinner, 1974/1976, p. 29).

Outro caso analisado é o de “comportamento provável”. Aqui, Skinner (1974/1976) remete os relatos a situações de compartilhamento de sensações em diferentes circunstâncias, como metáforas (estar inclinado a) ou “instâncias iniciais” de alguma determinada resposta. Apesar do encaminhamento indicar o foco nas estimulações (características comuns ou instâncias iniciais – fisiologista), ele dá espaço justamente para a reflexão encontrada em Tourinho (2009) – experienciamos o desenvolvimento de um repertório extremamente refinado de discriminação e de “respostas concorrentes”. Usando o exemplo de Skinner (1974/1976) nessa seção, somos treinados a não rir em situações solenes. Para que isso aconteça de modo eficiente, nesse treino aprendemos também a identificar elementos dessa interação espontânea com o mundo. Novamente, ser capaz de identificar “instâncias

iniciais” não é o ponto de partida, mas um estágio bastante “elevado” do desenvolvimento de um repertório de interação social complexo.

Como discute Tourinho (2009), é justamente esse treino intensivo para reconhecer e “refrear” interações espontâneas, realizando outras respostas, de modo geral, com menor amplitude e vigor do aparato motor, que configura o sentimento de estar “preso”, de haver uma interioridade que foi contida – a experiência de ser um *Homo clausus*, como denominou o sociólogo N. Elias (Elias, 1939/1990).

Em outra subseção, sobre “Comportamentos futuros”, Skinner (1974/1976) acrescenta uma reflexão interessante: as respostas a uma pergunta como “O que você vai fazer?” não são descrições de comportamentos, uma vez que estes ainda nem existem. Ao que o autor acrescenta: podem ser relatos de relações observadas anteriormente. O exame de exemplos sobre expressões utilizadas é bastante interessante e coloca Skinner (1974/1976) nos trilhos de uma abordagem contextualista: “Pode ser o relato de uma forte probabilidade de se comportar de uma dada maneira” (p. 31). O mesmo valeria para os casos em que requeremos respostas sobre “o que você quer?”. Tal afirmação permite avançar na discussão proposta por Dourado et al. (2021), à luz da teoria dos jogos de linguagem de Wittgenstein, de considerar que termos subjetivos, como “sentir”, “querer”, “ter como propósito”, servem ao uso de exibição e não de descrição. Nesse sentido, assim como falas sobre intenções, propósitos ou desejos não tratam da discriminação de alguma resposta (que ainda não aconteceram), também não precisam ser consideradas como descrições de eventos presentes, como “comichões” de comportamento encobertos, como ainda parece sugerir algumas afirmações de Skinner (1974/1976).

Na direção da posição aqui defendida, o último item dessa seção começa com uma frase preciosa para a defesa da perspectiva contextualista: “As condições relevantes para o comportamento são relatadas de acordo com as circunstâncias em que foram adquiridas, e isto significa que uma expressão pode ser traduzida de várias maneiras” (Skinner, 1974/1976, p. 32). Após apresentar uma série de circunstâncias possíveis que estariam re-

lacionadas a uma fala “Estou com fome”, Skinner conclui: “Dizer ‘eu estou faminto’ pode ser relatar diversas ou todas essas condições” (p. 33). O autor dá espaço aqui para o desenvolvimento da compreensão contextualista – uma fala não está sendo “disparada” por um único evento, mas trata-se de uma ação relacionada a uma dada configuração de eventos, um contexto. A fome não é apenas “contrações no estômago vazio”, mas também uma disposição a “comer vorazmente”, mas também estar há bastante tempo sem ingerir alimento, mas também estar em uma determinada hora do dia, num determinado momento das atividades e rotina.

Na última seção do capítulo – “Autoconhecimento” – Skinner (1974/1976) argumenta que Platão não descobriu a mente, mas inventou uma versão dela. Podemos interpretar que, para Skinner, Platão não está “relatando” algo que existe independentemente do relato, mas que o que se fala sobre a mente a delinea. Ao analisar criticamente as teorias mentalistas – e a defesa da mente como “um espaço não-físico no qual os acontecimentos obedecem a leis não-físicas” (p. 36), Skinner afirma que a Psicologia Moderna “não melhorou muito o acesso à própria consciência porque não foi capaz de aperfeiçoar as contingências verbais em que os sentimentos e os estados mentais são descritos e conhecidos” (p. 36). A distinção entre o comportamentalismo e as teorias mentalistas residiria exatamente aqui: na versão elaborada para se falar sobre a mente.

O comportamentalismo radical explora na linguagem, ou, mais precisamente, no comportamento verbal, a natureza social da consciência. A comunidade verbal ensina seus membros a responder verbalmente a eventos ambientais, dada a importância desse tipo de resposta para o próprio grupo. Nesse sentido, Skinner reconhece também que diferentes comunidades verbais, sendo diferentes contextos socioverbais, propiciam diferentes tipos de repertórios de consciência e mesmo de sentimentos e estados mentais. Essa posição abrange uma pluralidade de formas sobre como diferentes grupos ensinam a respeito das emoções. Como exemplo disso, tribos indígenas australianas usam expressões relacionadas à barriga para relatarem emoções – expressões em que a barriga “faz” algo que as pessoas normalmente fazem em

uma dada interação. Um exemplo disso é o chorar. Em Wirangu, Sul da Austrália, a expressão “*dyvarda wadyan*” é “choro de barriga”, que significa “sentir-se triste” (Ponsonnet, 2021). A cultura ocidental, de maneira geral, também dispõe de sua linguagem para falar sobre o porquê as pessoas fazem o que fazem, sentem o que sentem ou pensam o que pensam. Assim como na linguagem indígena citada, também é comum que se sirvam de expressões que sugerem que parte do corpo é que faz algo, tal como diz que o cérebro pensa, toma decisões e escolhe. Isso é o que Bennett e Hacker (2005) denunciam como uma falácia mereológica, que consiste na atribuição de predicados psicológicos às partes do organismo, quando estes deveriam ser atribuídos ao organismo como um todo. Como destaca Oliveira-Castro (1993):

Ninguém entra em um restaurante porque o seu hipotálamo ordenou que o assim o fizesse, nem tampouco come carne ao invés de arroz porque o hipotálamo tem as suas preferências. Expressões tais como ‘controla a fome’ ou ‘prefere carne ao invés de arroz’ simplesmente não se aplicam ao hipotálamo ou qualquer outra parte do sistema nervoso. Este tipo de expressão se aplica a pessoas. (p. 183)

Ao estabelecer uma natureza social da consciência, Skinner (1974/1976) avançou em direção oposta àquelas que tantas vezes enveredaram o debate sobre a consciência em Psicologia e Filosofia da Mente (Lampreia, 1996) – debates que ora buscavam uma redução da consciência à matéria, ora a tratavam como algo transcendente à matéria (Bunge, 2017). Ainda assim, ao abordar consciência como um comportamento, Skinner (1974/1976) manteve a explicação desse fenômeno comprometida com um materialismo que se sustenta na materialidade da vida social, isto é, nas relações dos indivíduos e os recursos pelos quais se envolvem nas mais variadas estratégias sociais (Glenn, 1989; Guerin 2016/2023). Desse modo, o materialismo da filosofia comportamentalista se faz sem se ater aos compromissos ontológicos essencialistas do fisicalismo (Zilio, 2012).

## A radicalidade do comportamentalismo está na natureza relacional do comportamento

Pela ênfase na profundidade do “por debaixo da pele” e pela inacessibilidade da privacidade é que Skinner (1974/1976) atribui as principais dificuldades de ensinar repertórios de autoconhecimento sobre as emoções. A comunidade verbal, não tendo acesso direto ao que ocorre “por debaixo da pele” dos indivíduos, dispõe de limitadas condições para um treino mais acurado (de Rose, 1982; Skinner, 1974/1976). Reconhecer que há alterações no funcionamento de diferentes sistemas corporais, e que podemos aprender a discriminá-las e descrevê-las como parte dos episódios de fenômenos subjetivos, não deve tornar esses eventos fisiológicos a tônica da análise comportamental de tais fenômenos. Consideramos que isso seria uma forma muito limitada de abordar esse problema, e entendemos que há análises e argumentos no texto skinneriano que sustentam essa não redução.

A dificuldade de ensinar os membros da comunidade a relatarem emoções não se deve à dificuldade de introspecção dos estados corporais, como um *sommelier* de vinhos que é treinado a inferir a origem das uvas, as notas nele presente, o quão encorpado ele é ou a maneira como ele foi armazenado. As respostas fisiológicas eliciadas por um estímulo incondicionado podem ser diferentes das respostas fisiológicas eliciadas por um estímulo condicionado, mesmo que possamos de forma geral reuni-las em uma mesma categoria de emoção, como a raiva ou a ansiedade, por exemplo. A acurácia da introspecção não é maior, dizendo que o que está sendo introspecado é um organismo e não a mente.

A rigor, as pessoas aprendem a distinguir suas emoções pelos contextos nos quais elas ocorrem e não distinguindo “notas” de respostas fisiológicas ou da natureza das vias aferentes ou eferentes do sistema nervoso. A dificuldade de ensinar a respeito das emoções, por exemplo, deve-se ao fato de que, na vida cotidiana, elas quase sempre estão ocorrendo em meio a interações sociais ao longo do tempo. Algumas interações sociais engendram contextos mais ou menos estáveis. Essa seria a

diferença entre ensinar um relato de dor de um relato sobre cores, como no exemplo explorado por Skinner (1974) no início do capítulo. Como destacou Skinner (1953) ao comentar sobre os indivíduos como ambientes sociais:

O comportamento reforçado através da mediação de outras pessoas diferirá de muitas maneiras do comportamento reforçado pelo ambiente mecânico. O reforço social varia de momento para momento dependendo da condição do agente reforçador. Dessa forma, respostas diferentes podem conseguir o mesmo efeito, e uma resposta pode conseguir diferentes efeitos, dependendo da ocasião. (p. 327)

As interações sociais estão sujeitas aos reveses das contingências entrelaçadas, nas quais os comportamentos dos indivíduos influenciam-se mutuamente. A esse nível de relações, os comportamentos de outras pessoas estabelecem contextos para ocorrência de comportamentos do indivíduo, bem como é ambiente selecionador do comportamento das pessoas, dando-se o nome de cultura. Ele é considerado o terceiro nível de seleção teorizado por Skinner (1981), junto do qual acompanham outros dois níveis: filogenético, que diz respeito às disposições biológicas selecionadas na história de sobrevivência da espécie. Neste nível encontra-se a razão da sensibilidade inata ou incondicionada a determinados estímulos eliciadores e selecionadores, bem como a presença de padrões fixos de respostas sob controle de alguns estímulos antecedentes. O nível ontogenético, que diz respeito à história de interação do indivíduo com o meio, e que culmina no desenvolvimento de padrões comportamentais idiossincráticos, e particulares sensibilidades a determinados estímulos eliciadores, evocadores e selecionadores (Sampaio & Andery, 2012).

Segundo o modelo de complexidade proposto por Tourinho (2009), os comportamentos são mais ou menos complexos dependendo do conjunto de relações envolvidas. A complexidade seria, portanto, uma questão de inclusividade: quanto mais variáveis dos três níveis de seleção

estão envolvidas, mais complexo é o comportamento. A dificuldade em ensinar sobre as emoções, a partir deste modelo, está no fato de que quando as emoções são experimentadas, elas estão ocorrendo em contextos de interações sociais que, em geral, são complexos. Esses contextos podem dispor de contingências conflitantes, nas quais o indivíduo se comporta fazendo escolhas e, com isso, entrando em contato com consequências variadas, de curto e longo prazo, que podem ser reforçadoras e/ou punitivas.

Para fins de ilustração, pode-se considerar o caso de uma pessoa que, após o término de um relacionamento abusivo, caracterizado por controles coercitivos, ainda manifesta atração pelo ex-parceiro. Neste relacionamento anterior, o parceiro restringia os contatos sociais, impunha regras de conduta e punia comportamentos não condizentes às regras. Após o rompimento, a pessoa dedicou-se intensamente ao trabalho e limitou suas interações sociais e atividades de lazer por um período prolongado, operando em um contexto de privação de reforçadores prazerosos. A complexidade da situação se agrava quando a pessoa retoma o relacionamento, e, no trajeto para a residência do ex-parceiro, envolve-se em um acidente de trânsito que resulta no óbito de um pedestre. A dificuldade analítica em investigar as emoções e o comportamento de retomada do vínculo afetivo nesta situação não reside meramente na falta de acesso da comunidade verbal aos eventos privados do indivíduo. O desafio se estrutura na complexidade das contingências envolvidas: trata-se de uma escolha modulada por um ex-parceiro que, embora seja fonte de algum reforço, também exerce controles coercitivos significativos. Além disso, essa escolha ocorre em um contexto exíguo de reforçadores sociais, em que a sobrecarga de trabalho e o isolamento social concorrem com o engajamento em comportamentos de interação social saudáveis. O problema analítico reside, sobretudo, no fato de que o acesso às contingências históricas se dá, quase invariavelmente, apenas pelo relato verbal. Esses relatos, no entanto, são controlados pelas contingências do presente, e não pelas contingências originais que estabeleceram a relação comportamentais em jogo. As contingências responsáveis pela função reforçadora e punidora de

eventos no passado não estão mais ativas. O que se dispõe é de um efeito histórico, estimado a partir das probabilidades de se comportar que são inferidas mediante a análise do relato. Essa análise detalhada dos aspectos aqui descritos é suficiente para demonstrar a complexidade do ensino e da análise das emoções em contextos permeados por múltiplas variáveis.

Afirmar que a radicalidade do comportamentalismo proposto por Skinner está na inclusão dos eventos privados pode ser uma forma de aproximar a Análise do Comportamento das explicações comuns de outros sistemas teóricos da Psicologia, tal como as explicações cognitivistas. Essa forma de intercambiar conceitos comportamentais e cognitivistas de maneira acrítica, negligenciando as tensões conceituais existentes entre esses campos e os diferentes encaminhamentos práticos e tecnológicos advindos dessas concepções, pode estabelecer uma condição muito confortável para todas as partes envolvidas. Da parte dos analistas do comportamento, serve como uma forma de se eximir da responsabilidade de promover o diálogo entre perspectivas distintas e explorar os seus limites. Ao adotarem posturas abrandadas, incorrem em ecletismos teóricos ingênuos, misturando compromissos filosóficos por vezes inconciliáveis, na tentativa de se esquivarem do caráter pejorativo de alguns sentidos adjacentes de radical. Como expressaram Carrara e Strapasson (2014):

Talvez na tentativa de esquivar-se da valoração negativa associada a esses sentidos adjacentes do qualificador radical, o que aparentemente resulta em maior facilidade de aceitação, algumas propostas teórico-conceituais parecem ter se afastado também dos sentidos centrais de radical quando aplicado ao behaviorismo skinneriano, buscando uma suposta conciliação entre tal radicalidade e concepções mais brandas como, por exemplo, ao analisar eventos ditos cognitivos como eventos de natureza própria que poderiam ser acessados apenas indiretamente, por meio do comportamento verbal. (p. 112)

A radicalidade do Comportamentalismo proposto por Skinner está em ater-se à natureza relacional do fenômeno comportamental. Essa abordagem leva em consideração o organismo como um todo, concebido como um sistema em constante interação com o ambiente, onde o que importa são as relações entre as variáveis que alteram as probabilidades de ocorrência do comportamento (Starling, 2001). Sobre esse ponto a questão interno-externo se torna pouco importante. Probabilidade não tem lugar, nem dentro e nem fora. Considerar os comportamentos a partir de probabilidades vai na direção da proposta do conceito do operante, que não é uma resposta isolada, mas uma classe funcional de respostas. A contingência, isto é, uma relação “não-necessária” entre eventos do tipo estímulo e eventos do tipo resposta, aproxima-se da natureza do comportamento, ou seja, uma relação que se mantém no tempo e tem como resultado a constituição de um estado que é irremediavelmente probabilístico. Nesse sentido, o estudo do comportamento se desloca da primazia da observabilidade para o da previsibilidade (Lopes, 2010).

Segundo Lopes (2010): “a classe de respostas enquanto tal não é observável, pois não se reduz às respostas observadas. O conceito de classe envolve uma tendência, uma disposição e, portanto, uma classe indica uma regularidade observada que *tende* a manter-se no tempo.” (p. 30). Uma ciência estritamente empírica, que reduz todos os conceitos a um conteúdo observacional específico, se comprometeria com o desdobramento mais radical da desmetafísicação do mundo que é o verificacionismo (Oliveira & Pires, 2007). Quando sugere que é o operante o objeto de estudo da Análise do Comportamento, Skinner está se afastando dessa noção de empirismo realista e acenando para uma concepção mais pragmática. Esse pragmatismo é ainda mais justificado quando se reconhece que os analistas do comportamento estão interessados em mudanças comportamentais que se mantenham no tempo, que sejam regulares, o que é dado por estados e não mudanças pontuais e efêmeras, que são por instâncias de respostas isoladas (Lopes, 2010).

A concepção probabilística do comportamento a partir do conceito operante pode levar a uma superação do dualismo interno-externo. Dessa forma, a pele que tem sido abordada de forma am-

bígua nos textos skinnerianos (Fonseca & Zilio, 2018) passa a de fato não ser “tão importante como uma fronteira” (Skinner, 1969, p. 228), o que afasta o internalismo decorrente de quando se assume que a pele seria uma fronteira organizacional (e.g., Tonneau, 2013). Embora Skinner (1974/1976, p. 24) tenha apontado que descrições mais completas seriam oferecidas pela Anatomia e Fisiologia sobre o “mundo dentro da pele”, e que estas não diferiram em “condição física” com o mundo situado fora da pele, é a Embriologia que nos mostra como a noção de dentro e fora é pouco precisa para descrever um processo de desenvolvimento do organismo. Nos estágios embriológicos iniciais, o zigoto, a célula resultante da união do ovócito e espermatozoide durante a fecundação, passa por uma série de divisões celulares, resultando nas primeiras células embrionárias – os blastômeros. Esses blastômeros mudam sua forma e juntam-se uns aos outros para formar uma bola compacta de células denominada mórula. A mórula penetra no útero e uma cavidade preenchida por líquido se desenvolve em seu interior. Essa mudança faz com que a mórula se torne um blastócito. O blastócito adere ao endométrio que reveste o útero em um processo chamado implantação. A partir disso, o blastócito forma um disco embrionário trilaminar e essa é a fase de gastrulação. Nessa fase, forma-se três camadas germinativas (ectoderma, mesoderma e endoderma) que mais tarde se diferenciam nos tecidos e órgãos do embrião. Do ectoderma surge a placa neural que dobra sobre si mesma, formando o sulco neural que dará origem ao tubo neural – essa é a fase de nêurula. A pele, ou tecido epitelial, tem a mesma origem no ectoderma (Moore & Persaud, 2008). Apreende-se disso que partes do organismo que poderiam parecer estar “dentro” do organismo, em um estágio de desenvolvimento, originalmente estariam “fora”, são componentes de um todo superficial que se dobrou sobre si em invaginações e evaginações que acompanharam os processos de diferenciação celular.

Em uma analogia, poderíamos considerar que o problema de dentro e fora do organismo apresenta a mesma dificuldade de definir “dentro e fora” de uma fita de Möbius. Essa fita foi descrita pela primeira vez pelo matemático August Ferdinand Möbius em 1858 e consiste em um espaço topoló-

gico obtido pela colagem das duas extremidades de uma fita, após efetuar meia volta em uma delas. Ela é uma superfície com um componente de fronteira, ou seja, apresenta uma borda com uma única linha que percorre toda a sua extensão; não é orientável, isto é, quando uma figura bidimensional no espaço, ao percorrer um *loop* na superfície, retorna ao mesmo local em que começou, mas inverte sua orientação; possui apenas um lado e uma borda; bem como representa um caminho sem fim nem início, onde se pode percorrer toda a superfície da fita que aparenta ter dois lados, mas só tem um (Hatcher, 2001). A aparência de dentro e fora é uma ilusão decorrente da dobra sobre si mesma.

Ainda sobre a questão da radicalidade da proposta, podemos acrescentar alguns argumentos a partir da síntese de Murari (2003), sobre o texto de Skinner (1945). Nesse trabalho, a autora identifica três objetivos no “*Operational analysis of psychological terms*” que, conforme já destacamos, entendemos serem retomados por Skinner no capítulo dois do *About Behaviorism*:

A) uma defesa eloquente quanto à natureza não distintiva entre eventos privados e públicos, no sentido em que eventos privados são tão físicos (enquanto naturais) quanto os eventos que ocorrem publicamente. Com esta posição, elimina a perspectiva dualista no estudo do comportamento. B) as críticas ao critério de verdade por concordância pública e a defesa de um critério mais pragmático. C) o modo pelos quais os indivíduos passam a relatar eventos privados, apresentando o esboço de uma teoria funcional para análise das respostas verbais. (p. 30-31)

Contudo, a partir de uma leitura contextualista do significado e não de um referencialização materializante, a radicalidade do comportamentalismo pode ser preservada e adotar uma agenda mais promissora para as pesquisas e intervenções dos analistas do comportamento na medida em que: A) não há justificativas de distinção do comportamento pela acessibilidade, porquanto o que interessa ao analista do comportamento são as probabilidades

de ocorrência do comportamento; B) a verdade não se define por acordos entre observadores, pois o critério não é o de visibilidade, mas de previsão e controle, que são critérios pragmáticos e não verificacionistas; C) a rigor, o que nos interessa saber quando se fala sobre eventos privados, é como esses relatos são aprendidos e ocorrem para uma dada audiência que os mantém a partir de determinados benefícios decorridos da manutenção desta prática, o que implica examinar as relações nas comunidades verbais.

## Considerações finais

Em nossa leitura, o Capítulo 2 de *About Behaviorism* dedica-se à descrição dos processos pelos quais os indivíduos aprendem a relatar o que sentem, pensam, percebem, e eventos históricos ou futuros (o que fizeram no passado e o que farão). O texto culmina na discussão sobre o autoconhecimento, o qual Skinner (1974/1976, p. 35) define como sendo de “origem social”. Embora estejam presentes argumentos que abrem caminho para um viés de “referencialização materializante”, consideramos que os argumentos mais profícuos e interessantes enfatizam o papel da comunidade verbal no ensino dos relatos dos comportamentos, em uma compreensão “contextualista do significado”.

Ainda em “*About Behaviorism*”, Skinner (1974/1976) aponta que diferentes comunidades verbais geram diferentes espécies e graus de consciência e autoconhecimento. Entendemos que um comportamentalismo que dê ênfase à dificuldade de compreensão das emoções pelos desafios intransponíveis da privacidade produzirá um tipo de autoconhecimento diferente de um comportamentalismo que assume que os desafios do compreender as emoções e ensinar sobre elas estão em compreender como as relações estabelecem inclusividade entre os níveis de seleção (Tourinho, 2009). Desse modo, consideramos que um comportamentalismo radical que não paute ou se limite a “sistemas nervosos bastante primitivos” (Skinner, 1974/1976, p. 31) poderá buscar nas próprias relações comportamentais uma forma de “aperfeiçoar as contingências verbais em que os sentimentos

e os estados mentais são descritos e conhecidos” (Skinner, 1974/1976, p. 36).

A teoria dos eventos privados tem sido adotada por muitos analistas do comportamento de forma acrítica, sem desafiar as suas inconsistências. Assim, muitos membros desta comunidade têm mantido uma postura confortável e incorporam os “eventos privados” a suas práticas sem o cuidado com as implicações desses problemas teóricos.

Diante da oportunidade de celebrar o cinquentenário da obra “*About Behaviorism*”, buscamos fazê-lo destacando não só suas potencialidades, mas também seus limites e possibilidades de avanços. É desse modo que entendemos que um texto segue vivo, como um clássico, pois, à luz dos questionamentos que ele suscita, é possível encontrar e desenvolver aspectos do comportamentalismo radical que merecem ser melhor aproveitados diante dos desafios de responder aos problemas da contemporaneidade. Aspectos estes que, uma vez trabalhados e desenvolvidos, podem atuar, de fato, como atributos distintivos dessa filosofia em relação a outras versões do comportamentalismo e outras teorias psicológicas.

Reconhecer e destacar a existência de determinados eventos anatomofisiológicos, que ocorrem em tecidos, órgãos ou sistemas localizados sob a pele, não implica em reduzir o exame e a compreensão de fenômenos subjetivos à descrição desses eventos. Como comunidades verbais aprendem e ensinam a falar de seus próprios comportamentos, sejam eles reconhecidos como pensamentos, emoções ou consciência, não precisam se limitar aos problemas da acessibilidade do “mundo dentro da pele”. Essas relações podem ser estudadas por elas próprias em sua complexidade e isso contribui para o aperfeiçoamento de práticas culturais que poderão produzir formas de conhecimento de si que diferem daquelas que tentam fazer isso por meio de estratégias de “profundidade” há dezenas de séculos. Ao invés de encobrir os comportamentos e torná-los privados, podemos guardá-los para apreciá-los melhor.

## Referências

- Abib, J. A. D. (1982) Skinner, materialista metafísico? Never mind, no matter. In Bento Prado Junior (Org.). *Filosofia e comportamento*. Brasiliense.
- Baum, W. M. (2011a). Behaviorism, private events, and the molar view of behavior. *The Behavior Analyst*, 34(2), 185-200. <http://dx.doi.org/10.1007/BF03392249>
- Baum, W. M. (2011b). No need for private events in a science of behavior: Response to commentaries. *The Behavior Analyst*, 34(2), 237-244. <http://dx.doi.org/10.1007/BF03392255>
- Bennett, M. R. & Hacker, P. M. S. (2005). *Fundamentos filosóficos da neurociência*. (R. A. Pacheco, Trad.). Instituto Piaget.
- Borba, A., & Tourinho, E. Z. (2010). Instrumentalidade e coerência do conceito de eventos privados. *Acta Comportamentalia*, 18(2), 279-196. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/actac/v18n2/a06.pdf>
- Bunge, M. (1979). The mind-body problem in an evolutionary perspective. *Brain and mind*, 69, 53-77. <https://doi.org/10.1002/9780470720523.ch4>
- Bunge, M. (2017). *Matéria e mente*. (G. Ginsburg, Trad.). Perspectiva.
- Carrara, K., & Strapasson, B. A. (2014). Em que sentido(s) é radical o Behaviorismo Radical? *Acta Comportamentalia*, 22(1) 101-115. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/actac/v22n1/a08.pdf>
- Cícero, A. (1997). *Guardar*. Editora Record.
- de Carvalho Neto, M. B. (2002). Análise do comportamento: Behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. *Interação em Psicologia*, 6(1), 13-18. <https://doi.org/10.5380/psi.v6i1.3188>
- de Rose, J. C. C. (1982). Consciência e propósito no behaviorismo radical. In B. P. Júnior (Org.). *Filosofia e comportamento* (pp. 67-91). Brasiliense.
- Elias, N. (1990). *O processo civilizador: Uma história dos costumes* (Vol. 1). (R. Jungmann, Trad.). Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1939)

- Flanagan, O. J. (1980). Skinnerian metaphysics and the problem of operationism. *Behaviorism*, 8(1), 1-13. <http://dx.doi.org/10.2307/27758948>
- Fonseca, K., & Zilio, D. (2019). O “organismo” na obra de B. F. Skinner: Uma exploração contextual e quantitativa acerca de seu significado. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 9(2), 141-163. <https://doi.org/10.18761/PAC.2018.n2.01>
- Glenn, S. S. (1989). Verbal behavior and cultural practices. *Behavioral Analysis and Social Action*, 7, 10-15. <https://doi.org/10.1007/BF03406102>
- Guerin, B. (2023). *Como repensar o comportamento humano*. (G. B. Leugi, Trad.). Hogrefe. (Trabalho originalmente publicado em 2016)
- Hatcher, A. (2001). *Algebraic topology*. Cambridge University Press.
- Hayes, L. J., & Fryling, M. J. (2009) Overcoming the pseudo-problem of private events in the analysis of behavior. *Behavior and Philosophy*, 37, 39-57. <https://www.jstor.org/stable/41472421>
- Lampreia, C. (1996). Skinner e o mundo dentro da pele. *Temas em Psicologia*, 4(2), 29-40. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v4n2/v4n2a03.pdf>
- Lopes, C. E. (2010). Onde está a probabilidade? In M. M. C. Hübner, M. R. Garcia, P. R. Abreu, E. N. Cillo & P. B. Faleiros (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição. Volume 25: Análise experimental do comportamento, cultura, questões conceituais e filosóficas* (pp. 27 – 34). Esetec.
- Matos, M. A. (1995). Behaviorismo metodológico e Behaviorismo radical. In B. Rangé (Org.) *Psicoterapia comportamental e cognitiva: Pesquisa, prática, aplicações e problemas*. Editorial Psy.
- Matos, M. A. (2001). O behaviorismo metodológico e suas relações com o mentalismo e o behaviorismo radical. In R. A. Banaco (Org.). *Sobre comportamento e cognição: Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e terapia cognitivista*. (pp. 57-69). ESETec.
- Michael, J., Palmer, D. & Sundberg, M. (2011). The multiple control of verbal behavior. *The Analysis of Verbal Behavior*, 27(1), 3-22. <https://doi.org/10.1007%2FBF03393089>
- Moore, J. (1995). Radical behaviorism and the subjective-objective distinction. *The Behavior Analyst*, 18, 33-49. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1007/BF03392690>
- Moore, J. (2009). Why the radical behaviorist conception of private events is interesting, relevant and important. *Behavior and Philosophy*, 37, 21-37. <https://www.jstor.org/stable/41472420>
- Moore, K. L. & Persaud, T. V. N. (2008). *Embriologia clínica*. Saunder Elsevier.
- Murari, S. C. (2003). O significado de radical em behaviorismo radical. In E. E. Costa., J. C. Luzia., H. H. N. (Orgs.). *Primeiros passos em Análise do Comportamento e cognição* (pp. 25-32). Esetec.
- Oliveira, C. I. & Pires, A. C. (2007). O pensamento em Watson: Rompendo com o legado metafísico e buscando uma referência materializante. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(3), 457-466. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722007000400012>
- Oliveira-Castro, J. M. (1993). “Fazer na cabeça”: Análise conceitual, demonstrações empíricas e considerações teóricas. *Psicologia USP*, 4(1/2), 171-202. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v4n1-2/a08v4n12.pdf>
- Palmer, D. C. (2009). The role of private events in the interpretation of complex behavior. *Behavior and Philosophy*, 37, 3-19. <https://psycnet.apa.org/record/2011-20100-003>
- Palmer, D. C. (2011). Consideration of private events is required in a comprehensive science of behavior. *The Behavior Analyst*, 34(2), 201-207. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1007/BF03392250>
- Pompermaier, H. (2016). Eventos privados podem ser causa do comportamento? *Acta Comportamentalia*, 24(1), 12-27. Recuperado a partir de <https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/54716>
- Pompermaier, H. M. (2013). *Avanços na compreensão da subjetividade no Behaviorismo Radical*. Dissertação de mestrado. São Carlos: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos. <https://repositorio.ufscar.br/items/bd883130-9a85-48e2-bd10-19fe1d7a3672>
- Pompermaier, H. M., & Lopes, C. E. (2018). Para além da privacidade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 34, e3422. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3422>

- Pompermaier, H. M., Pimentel, N. S., & de Melo, C. M. (2016). As noções de eventos privados e da privacidade no Behaviorismo Radical: A questão da observabilidade circunstancialmente restrita. *Revista CES Psicologia*, 9(2), 12-27. <http://dx.doi.org/10.21615/cesp.9.2.2>
- Ponsonnet, M. (2021). *Emotion language Australia*. Online content, The University of Western Australia. <https://www.emotionlanguageaustralia.com/>
- Sampaio, A. A. S., & Andery, M. A. P. A. (2012). Seleção por consequências como modelo de causalidade e a clínica analítico-comportamental. In N. B. Borges & F. A. Cassas (Orgs.), *Clínica analítico-comportamental: Aspectos teóricos e práticos* (pp. 77-86). Artmed.
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2021). *Teorias da personalidade* (4th ed.). Grupo A. <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9786555583946>
- Sério, T. M. A. P. (2005). O behaviorismo radical e a psicologia como ciência. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva* [online], 7(2), 247-262. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v7i2.554>
- Skinner, B. F. (1965). *Science and human behavior*. The Free Press. (Trabalho original publicado em 1953)
- Skinner, B. F. (1969). *Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis*. Appleton-Century-Crofts.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. Alfred A. Knopf.
- Skinner, B. F. (1976). *About behaviorism*. Vintage Books. (Trabalho original publicado em 1974)
- Skinner, B. F. (1978). Humanism and behaviorism. In B. F. Skinner, *Reflections on behaviorism and society*. Prentice-Hall. (Trabalho original publicado em 1972)
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213(4507), 501-513. <https://doi.org/10.1017/S0140525X0002673X>
- Skinner, B. F. (1984). The operational analysis of psychological terms. *Behavioral and brain sciences*, 7(4), 547-553. (Trabalho original publicado em 1945) <https://doi.org/10.1017/S0140525X00027187>
- Skinner, B. F. (1987). Whatever happened to psychology as the science of behavior?. *American Psychologist*, 42(8), 780-786. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0003-066X.42.8.780>
- Starling, R. R. (2000). A interface comportamento/neurofisiologia numa perspectiva behaviorista radical: O relógio “causa” as horas? In R. R., Kerbauy. (Org.). *Sobre comportamento e cognição: Volume 5. Conceitos, pesquisa e aplicação, a ênfase no ensinar, na emoção e no questionamento clínico* (pp. 3-15). Esetec.
- Tonneau, F. (2013). Comportamento e a pele. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(1), 66-73. <http://dx.doi.org/10.18542/rebac.v9i1.2132>
- Tourinho, E. Z. (2009). *Subjetividade e relações comportamentais*. Paradigma.
- Zilio, D. (2012). Relacionismo substancial: A ontologia do comportamento à luz do behaviorismo radical. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(1), 109-118. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100014>
- Zilio, D. (2023). Análise do significado dos termos psicológicos ou análise comportamentalista dos termos psicológicos?. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(1), 050-058. <https://doi.org/10.18761/JADA0330008>
- Zilio, D., & Dittrich, A. (2014). O que fazer com os eventos privados? Reflexões a partir das ideias de Baum, parte I: A definição de privacidade. *Acta Comportamentalia*, 22(4), 483-496. <https://www.revistas.unam.mx/index.php/acom/article/view/48988>
- Zilio, D., & Dittrich, A. (2015). O que fazer com os eventos privados? Reflexões a partir das ideias de Baum, parte II: A invasão da privacidade. *Acta Comportamentalia*, 23(2), 213-227. <https://www.redalyc.org/pdf/2745/274538523009.pdf>

### Histórico do Artigo

Submetido em:

Aceito em:

Editor Associado: